

MULTICULTURALISMO, CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

Eliane Hilario da Silva Martinoff¹

Resumo: O presente estudo trata da questão da diversidade cultural e de como ela pode ser trabalhada de forma criativa no ambiente escolar por meio de atividades que envolvam a música, especialmente quando percebida como produto cultural e histórico. A pesquisa tem suporte teórico no conceito de educação musical como cultura, conforme Arroyo (1999) e de criatividade segundo Kneller (1973) e Alencar (1974). Concluiu-se que é possível ao professor generalista trabalhar de forma criativa com canções significativas da cultura brasileira e que a contribuição desse professor à educação musical será proporcional à compreensão que este profissional tiver sobre a importância da música na formação dos indivíduos.

Palavras-chave: Processo criativo. Multiculturalismo. Formação de professores. Ensino de música.

Abstract: *The present study deals with the issue of cultural diversity and how it can be worked creatively in the school environment through activities involving music, especially when perceived as cultural and historical product. The research is supported by the theoretical concept of music education as culture, as Arroyo (1999) and creativity second Kneller (1973). It was concluded that it is possible for the generalist teacher working creatively with significant songs of Brazilian culture and the contribution of this teacher to the musical education will be proportional to the understanding that this professional has about the importance of music in the formation of individuals.*

Keywords: *Creative process. Multiculturalism. Teacher training. Music teaching.*

Introdução

A música é parte integrante da nossa cultura e as atividades que lhe são inerentes têm sido vivenciadas e compartilhadas no contexto social localizado no tempo e no espaço, onde podem receber variadas significações.

Presente na educação brasileira desde o início da colonização, embora exercendo papéis diversificados - como elemento de controle social, de sensibilização para o aprendizado, ou de fomento de comportamentos disciplinados e de espírito patriótico² - e sendo considerada disciplina importante no currículo escolar, atualmente é possível afirmar que sua utilização além de promover o desenvolvimento do senso estético e artístico, pode contribuir para o conhecimento e reconhecimento da diversidade cultural do país.

A pluralidade cultural é uma questão em discussão também nas sociedades europeias e americanas, pois essa diversidade existente no mundo de hoje influi nas relações humanas, onde há constantes conflitos gerados por questões raciais, étnicas, religiosas, de classe social,

¹ Professora do curso de Pedagogia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), SP. Doutora e Mestre em Música pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: elmartinoff@uscs.edu.br.

² Para maiores detalhes, ver Martinoff (2017).

idade, entre outras. Essas questões têm estado presentes nas discussões sobre a abrangência do ensino oferecido nas escolas em várias partes do mundo.

A primeira vez que o Multiculturalismo foi tratado como uma proposta educacional no Brasil, aconteceu durante a elaboração dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) publicados em 1997 pelo Ministério da Educação. Essa proposta foi debatida em ambiente controverso. Sua concepção, construção e estruturação interna passaram por várias negociações e pressões de movimentos sociais e o assunto acabou sendo introduzido entre os documentos que tratam sobre os temas transversais.

A justificativa apresentada nos PCN para incorporar o tema pluralidade cultural no currículo escolar foi que

apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do País consigo mesmo, é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais quanto em relação a grupos étnicos e culturais. Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O País evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por mitos que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta democracia racial (BRASIL, 1997 b, p. 20).

Essa relação entre educação e identidade cultural traz à tona várias questões, como a que trata da hibridização cultural, a qual nada mais é do que a possibilidade de haver convivência e interpenetração de múltiplas culturas e realidades, próximas ou contraditórias em uma sociedade. Essa característica é decorrente da nossa formação, que tem em sua base a contribuição de diferentes grupos sociais. Vivemos em uma sociedade marcada por aspectos característicos de grupos indígenas, africanos, europeus e orientais, os quais podem ser percebidos em manifestações culturais e artísticas presentes até mesmo no cotidiano.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 estabelece a arte como “componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica” (BRASIL, 1996, Art. 26, §2º). Em 2008, a LDB teve seu texto alterado por meio da lei ordinária 11.769, que tornou obrigatória a presença de conteúdos de música no ensino de Arte na educação básica brasileira. Em 2010, pela lei 12.287, o referido §2º passou a mencionar também as expressões regionais e em 2016, as artes visuais, a dança e o teatro passaram igualmente a ser conteúdo obrigatório na disciplina Arte, pela lei 13.276.

Quanto ao ensino de Arte e a questão cultural, o Ministério da Educação considera que

22º Seminário de Educação, Tecnologia e Sociedade
De 10 a 16 de outubro
Núcleo de Educação On-line/ NEO; FACCAT, RS

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas (BRASIL, 1997 a, p.15).

Embora a música não seja tratada como uma disciplina separada em muitos sistemas educacionais brasileiros sabe-se que mesmo as crianças bem pequenas podem reconhecer a presença de sons e melodias que têm feito parte de sua história pessoal e familiar. E essa história musical pode ser ampliada e enriquecida com um ensino que propicie o contato também com a música de outras culturas.

1 Ensino de música e multiculturalismo nos anos iniciais do ensino fundamental

Nos anos iniciais do ensino fundamental, em grande parte do território brasileiro, os conteúdos de quase todas as disciplinas são abordados por professores generalistas, dos quais se espera um bom desempenho em todas as áreas do conhecimento. Conforme a legislação vigente, os professores licenciados em Pedagogia estão autorizados também a ministrar aulas de Artes – e conseqüentemente, de música - na eventual falta do professor especialista na área.

Embora exista muita controvérsia quanto a isso, sabe-se que muitos deles têm se mostrado temerosos e até mesmo resistentes em desempenhar tais funções. Uma das razões considerada importante no estabelecimento desta falta de confiança está relacionada ao fato de a música não ter estado presente na formação desses indivíduos em sua educação básica.

Além disso, o ensino dessa disciplina tem sido compreendido pela sociedade e pela comunidade educacional como uma atividade destinada àqueles providos de talentos especiais. Nesse contexto, muitas vezes o professor generalista não se considera apto a lidar com música porque não é artista e julga não ter talento.

Sabe-se, entretanto, que a formação do professor deve acontecer no âmbito da universidade, num ambiente de constante estímulo à criação e à reflexão crítica, e que é necessário que o seu cabedal de conhecimentos contemple vários saberes que se articulem a partir da pesquisa educacional, buscando acurar a percepção e criando um lastro de sensibilidade e expressividade que o torne mais apto e capaz de desenvolver seu conhecimento do mundo e suas relações pessoais e profissionais.

Há algum tempo, a pesquisa na área de formação musical de professores em cursos de Pedagogia discute a necessidade e a possibilidade de ampliação desta formação (BELLOCHIO, 2001; BELLOCHIO et al. 2003; FIGUEIREDO 2004; FIGUEIREDO E SILVA 2005; FIGUEIREDO ET AL. 2006).

Sabemos que a formação musical do educador tem grande importância, não só na capacitação que o futuro professor necessita para exercer bem as suas funções, mas também porque, devido à grande influência que poderá vir a exercer sobre seus alunos, decorrente de um contato diário e constante, a sua postura frente ao mundo – e frente à música - tem consequências no processo de formação de seus alunos, inclusive para a cidadania (MARTINOFF, 2011).

Dada a sua importância para o desenvolvimento dos indivíduos e a obrigatoriedade de seu ensino, a partir da lei 11769/08, corroborada pela Lei 13.276/16, a música deve estar presente de forma ampla no processo de escolarização, mas para que isso aconteça de maneira eficaz, é importante que ela, de igual modo, faça parte da formação inicial e continuada dos professores generalistas, observando-se a sua natureza e o seu significado.

Considerando a importância de um ensino contextualizado de música, Marinho e Queiroz comentam que

um ensino significativo de música deve entender esse fenômeno [cultural] não só como expressão artística, mas, principalmente, como manifestação representativa de sistemas culturais determinantes do que o homem percebe, pensa, gosta, ouve, sente e faz (MARINHO e QUEIROZ, 2005, p. 52).

Pensar na educação como um todo – e também na Educação Musical - a partir da perspectiva cultural esbarra em um grande desafio, que consiste em encontrar práticas pedagógicas que sejam capazes de conjugar o processo de globalização que existe no mundo e os movimentos dos grupos que buscam sua identidade etnocultural.

No entanto, observa-se que atualmente os cursos de Pedagogia se propõem a contemplar tantas áreas do conhecimento, que o tempo que se pode dedicar à música, nessa formação inicial é, com certeza, bastante reduzido, o que nos leva a inquirir sobre quais conteúdos deveriam ser selecionados e de que maneira, nessas condições, poderia ser realizado um trabalho eficiente e que alcançasse resultados satisfatórios.

Refletindo sobre várias dessas questões, Vera Maria Candau, professora da PUC do Rio de Janeiro indaga:

22º Seminário de Educação, Tecnologia e Sociedade
De 10 a 16 de outubro
Núcleo de Educação On-line/ NEO; FACCAT, RS

Como identificar culturalmente um país como o Brasil, por exemplo? Seria “*um país tropical e bonito por natureza*”, como canta Jorge Bem? Ou “A grande pátria sem importância”, onde “*será meu fim ver TV em cores na taba de um índio programada para só dizer sim*”, de Cazuza? Seria o país onde crianças trabalham cortando cana 12 horas por dia nos canaviais do Norte Fluminense ou aquele que enviou um astronauta para uma missão espacial em outubro de 1998? Poderia ser representado por mulatas sambando, futebol, praias paradisíacas? Ou por trabalhadores que entram em conduções superlotadas logo pela manhã, bem cedinho, para cumprir mais um dia de trabalho? Qual é a imagem que melhor reflete o Brasil? Uma favela sem luz e saneamento básico ou um *shopping center* com equipamentos de alta tecnologia? Qual é a música brasileira? O “samba”? O “mangue beat”? A “bossa nova”? A “ciranda”? O “forró”? O “fandango”? O “sertanejo”? A “MPB”? Seriam menos brasileiras as produções nacionais de “rap”, “reggae”, ou “rock”? (CANDAU, 2002, p. 32-33).

A identidade cultural abrange as características e aspectos da nossa identidade individual, a qual surge do fato de pertencermos a uma determinada cultura, etnia, raça ou religião. Dessa forma, “a identidade cultural de um indivíduo ou grupo permite que este se localize e seja localizado em um sistema social” (CANDAU, 2002, p. 31).

Por isso, o grande desafio da escola é superar toda forma de discriminação, trazendo para o ambiente escolar a riqueza da diversidade cultural e valorizando a história e contribuição dos diversos grupos sociais, como se lê nos PCN,

A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e níveis socioeconômicos diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha com a família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras de espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança convive com a diversidade e poderá aprender com ela (BRASIL, 1997 b, p. 21).

Apesar disso, o multiculturalismo é um tema que aparece na formação dos educadores "de modo esporádico e pouco sistemático, ao sabor de iniciativas pessoais de alguns professores/as" (MOREIRA & CANDAU, 2012, p.19).

Na verdade, não existe uma disciplina ou curso sobre multiculturalismo. Cabe ao educador ser sensível, estar aberto e perceber que a escola é uma usina cultural, onde diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes ou são produzidas.

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que [ela] está chamada a enfrentar (MOREIRA E CANDAU, 2012, p. 16).

Por isso, é importante saber analisar as diferentes linguagens e promover experiências culturais que ampliem o "horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar e na sociedade" (MOREIRA & CANDAU, 2012, p.35).

Outra questão bastante importante e que nos interessa de perto é a que se refere ao uso criativo e responsável da música como elemento importantíssimo na educação da criança. Mas, o que podemos entender por uso criativo? Primeiramente é preciso compreender o que é criatividade. Segundo Kneller (1973), as definições existentes para criatividade pertencem a quatro categorias:

ela pode ser considerada do ponto de vista da pessoa que cria, isto é, em termos de fisiologia e temperamento, inclusive atitudes pessoais, hábitos e valores. Pode também ser explanada por meio de processos mentais – motivação, percepção, aprendizado, pensamento e comunicação – que o ato de criar mobiliza. Uma terceira definição focaliza influências ambientais e culturais. Finalmente, a criatividade pode ser entendida em função de seus produtos, como teorias, invenções, pinturas, esculturas e poemas (KNELLER, 1973, p. 15).

Para Eunice Maria Lima Soriano de Alencar³ (1974), a criatividade poderia contemplar três condições básicas: 1) dar uma resposta nova ou incomum a uma situação; 2) essa resposta deveria se adaptar à realidade, contribuindo para o alcance de um objetivo reconhecível; 3) deveria incluir uma avaliação. A autora chama a atenção para que se considere não somente a existência da criatividade artística, mas também da científica.

Ainda segundo essa pesquisadora, a criatividade também pode ser entendida como “o processo de se tornar sensitivo a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento; identificar a dificuldade; buscar por soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências; testar e retestar as hipóteses, possivelmente modificando-as, e finalmente comunicando os resultados” (ALENCAR, 1974, p. 62).

Assim, segundo esses pesquisadores, o uso criativo da música poderia ser estimulado por meio de cursos e oficinas. Sabe-se que a formação continuada dos professores acontece graças às iniciativas de organizações não governamentais em parceria com órgãos públicos. Essas iniciativas têm proporcionado algumas experiências criativas que incorporam a temática multicultural na educação básica, as quais acabam por demonstrar que “a novidade criadora

³ Professora emérita da Universidade de Brasília.

emerge em grande parte do remanejamento do conhecimento existente – remanejamento que é, no fundo, acréscimo ao conhecimento” (KNELLER, 1973, p. 15-16).

2 O professor generalista e o uso criativo da música

Desde 2008, temos trabalhado na formação de professores generalistas ou unidocentes no curso de Pedagogia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), na disciplina Metodologia e Prática do Ensino de Artes. Temos estudado métodos e abordagens para o ensino de Arte, sempre confrontados com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte e com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, além do papel do professor frente aos novos paradigmas e sua aplicação na prática pedagógica.

Nessa linha de trabalho, temos procurado mostrar aos alunos a importância da música como produto cultural e histórico, pois

as músicas, enquanto produtos e processos são construções socioculturais e, portanto, devem ser valorizadas de modo contextualizado. [...] Mas, se tomarmos cultura como teia de significados [...] que dão sentido ao vivenciado e que desencadeiam dinâmicas sociais de acordo com as biografias dos indivíduos envolvidos nas situações culturais, [...] podemos daí refletir sobre outra possibilidade na relação “educação musical e cultura”: a da “educação musical como cultura” (ARROYO, 1999, p. 343).

Apenas como ilustração apresentamos, a seguir, o resumo de dois projetos desenvolvidos em meio às atividades realizadas pelos estudantes do curso de Pedagogia na referida disciplina. Foram elaboradas algumas propostas para estudo de temas transversais e conteúdos interdisciplinares direcionadas aos alunos do ensino fundamental, utilizando como recurso motivador a vida e obra de alguns compositores brasileiros que marcaram época.

Um trabalho foi criado a partir da vida de Pixinguinha e os Oito Batutas. Lembrando que os conteúdos sobre a História da África, ou sobre a literatura africana, devem ser abordados para que possamos conhecer e respeitar a diversidade que a caracteriza (países, línguas, religiões, arte, sistemas políticos etc.), ressaltaram-se características da cultura africana, sem reforçar mitos que reduzam ou deturpem a riqueza desse continente e sua influência em nossa cultura, sempre lembrando que a liberdade de criar e de trazer novas referências visuais, sonoras e espaciais traz o sentido de que é possível convivermos com a diversidade.

Um segundo exemplo que citamos aqui é o do trabalho realizado sobre a Tropicália, que procurou abordar de maneira interdisciplinar as características do movimento e sua importância como forma de expressão e também aspectos históricos e políticos da época do governo militar, além da produção e interpretação de textos. Traçando um paralelo com os dias atuais, a ideia foi levar os alunos a refletirem sobre a importância do voto consciente em cada eleição. Foi proposto também o Projeto Eleitor Mirim, onde cada sala do ensino fundamental teria a oportunidade de eleger seu representante para o Grêmio Estudantil.

Vemos por esses exemplos que a música pode e deve estar presente na formação do professor não somente porque desempenha um papel importante na reprodução cultural, mas também porque possui um grande potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança (SWANWICK, 2003, p. 40).

3 Considerações Finais

Independentemente da presença de professores especialistas na escola, os professores generalistas ou unidocentes devem estar preparados para tratar a música como um componente importante na formação das crianças. Especialistas e generalistas desempenham papéis diferentes na escola, e é importante definir o que cada tipo de profissional pode e deve fazer na escola, com e pela música (FIGUEIREDO, 2007).

Assim, observou-se que, mesmo que os futuros educadores não dominem a leitura da partitura, além de cantar com as crianças, poderão desenvolver a apreciação musical, traçando paralelos com conteúdos diversos e temas transversais, pois “uma coisa pode ser criadora sem ser inteiramente nova. Até mesmo nas mais talentosas criações sempre há algo sugerido por uma fonte ou forma anterior” (KNELLER, 1973, p.18).

Concluiu-se, então, que a contribuição do professor generalista - que passa a maior parte do tempo com os alunos - para o desenvolvimento musical das crianças será proporcional à compreensão que este professor tem sobre música e arte na formação dos indivíduos e que, neste momento em que o ensino dos conteúdos de música é obrigatório em toda a educação básica no Brasil, é imperioso proporcionar uma formação musical eficaz aos futuros profissionais da educação.

Referências Bibliográficas

22º Seminário de Educação, Tecnologia e Sociedade
De 10 a 16 de outubro
Núcleo de Educação On-line/ NEO; FACCAT, RS

- ALENCAR, Eunice Maria Soriano de Alencar. Um estudo de criatividade. *Arquivo Brasileiro de Psicologia Aplicada*. Rio de Janeiro, 26(2), abr./jun.1974, p. 59-68. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/viewFile/17077/15876>>. Acesso: 21 ago. 2016.
- ARROYO, Margarete. *Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música*. Porto Alegre, 1999. [406 f.]. Tese (Doutorado em Música – Educação Musical). UFRGS, Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15025>>. Acesso em: 15 mar. 2011.
- BELLOCHIO, Cláudia. R. O espaço da música nos cursos de pedagogia: demandas na formação de educador. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM SUL, 4. 2001, Santa Maria, RS. *Anais...* Santa Maria: UFSM, 2001. 13-25.
- BELLOCHIO, Cláudia. R.; SPANAVELLO, C. S.; CUNHA, E. C.; PIMENTA, H. M. Pensar e realizar em Educação Musical: Desafios do professor dos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, RS, n. 5, p. 42-46, 2003.
- BRASIL. Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Ministério da Educação, 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997a, v. 6: Arte.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b.
- CANDAU, Vera Maria. (Org.). *Sociedade, Educação e Cultura(s): Questões e propostas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- FIGUEIREDO, S. L. F. A preparação musical de professores generalistas no Brasil. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 11, p. 55-61, 2004.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz F. & SILVA; Fabiano Daniel. O ensino de música na perspectiva de professores generalistas. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 14. 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2005. 1-6. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2005/Comunicacoes/74S%C3%A9rgio%20Luiz%20Ferreira%20de%20Figueiredo%20e%20Fabiano%20Daniel%20Silv%E2%80%A6.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2011.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz F.; MACHADO, Cecília Marcon P.; SILVA, Fernanda Rosa da; DIAS, Letícia Grala. Ensinando música para professoras das séries iniciais do ensino fundamental. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 15., 2006, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2006. 318-324. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2006/ABEM_2006.pdf>. Acesso em: 04. Ago. 2014.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz de O. A pesquisa sobre a prática musical de professores generalistas no Brasil: situação atual e perspectivas para o futuro. *EM PAUTA*, Porto Alegre, v. 18, n. 31, julho a dezembro, p. 31-50, 2007.
- KNELLER, George F. *Arte e Ciência da Criatividade*. Tradução. José Reis. 3. Ed. São Paulo: IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A., 1973. Original em inglês.

22º Seminário de Educação, Tecnologia e Sociedade
De 10 a 16 de outubro
Núcleo de Educação On-line/ NEO; FACCAT, RS

MARINHO, Vanildo. M.; QUEIROZ, Luiz Ricardo S. (orgs). *Contexturas: o ensino das artes em diferentes espaços*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2005.

MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. Reflexões sobre o ensino de música e a formação de professores generalistas. In: Alejandro Pereira Ghiena, Paz Jacquier, Mónica Valles y Mauricio Martínez (Editores) *Musicalidad Humana: Debates actuales en evolución, desarrollo y cognición e implicancias socio-culturales*. Actas del X Encuentro de Ciencias Cognitivas de la Música. Buenos Aires, Sociedad Argentina para las Ciencias Cognitivas de la Música (SACCoM), 2011, p. 927-933.

_____. O ensino de música na escola pública brasileira no período de vigência da Lei 5.692/71 e seus reflexos na atualidade. 22 fev. 2017. 101f. Tese (Doutorado em Música). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes. São Paulo, 2017. São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/150153>>.

MOREIRA, Antonio Flávio Moreira e CANDAU, Vera Maria (orgs). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 2 ed. Petrópolis: RJ, Editora Vozes, 2012.

SWANWICK, K. *Ensinando música musicalmente*. Tradução. A. Oliveira e C. Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003. Original em inglês.